

Teste serão as exportações em 99

Saldo dos negócios com o exterior vai determinar se há ou não necessidade de correção, diz Coutinho

O comportamento das exportações em 1999 vai indicar a necessidade ou não da correção do câmbio. Essa avaliação é partilhada pelo economista Luciano Coutinho, da Unicamp, e Dany Rappaport, economista-chefe do Banco Santander.

Coutinho partilha da tese de que o câmbio está desvalorizado, mas considera o momento totalmente inadequado para uma tentativa de correção. "O sinal virá das exportações", diz ele.

"Se as exportações tiverem um desempenho fraco ao longo do próximo ano, esse movimento vai indicar a necessidade de correção", pondera. O câmbio, quando está adequado, permite superávit comercial e crescimento econômico. "Isso não está ocorrendo no Brasil", argumenta.

Além das exportações, outro sinal importante para definir se será necessário ou não mexer no câmbio será dado pelo fluxo de capitais, avalia Rappaport. "Se até abril as exportações permanecerem travadas, pode ser necessária alguma correção", pondera.

Se as exportações reagirem e o fluxo de capitais também der sinais positivos, indicando retorno de credibilidade internacional, o governo



Luiz Prado/AE

Coutinho: pela desvalorização, mas não agora

EMPRESAS E GOVERNO TÊM DÍVIDAS EM DÓLAR

poderá manter a atual política cambial, diz ele.

Para Rappaport, o Banco Central tem condições de controlar o tamanho da desvalorização cambial, caso a considere necessária. No Bra-

sil, argumenta, há um certo controle de capitais; muitos investidores já estão com seus ativos em dólar protegidos por mecanismos de hedge (não perderiam valor em caso de desvalorização) e a dívida exter-

na de curto prazo do Brasil não é elevada.

Risco – Empresas brasileiras e consumidores com dívidas em dólar, além do próprio governo, que emitiu, nos últimos meses, títulos públicos indexados à variação do câmbio, também tornam mais arriscada a desvalorização do câmbio. Automaticamente as dívidas subiriam na mesma proporção da correção da moeda.

Batista Júnior argumenta que também es-

se risco diminuiu. Empresas que tiveram recursos no exterior diminuíram sua exposição após a crise russa. Algumas liquidaram os empréstimos tomados no exterior e outras fizeram, no País, operações de proteção (o chamado hedge cambial). Quando a crise explodiu na Coréia, argumenta, ninguém estava preparado e empresas e pessoas físicas "quebraram".

Para Mailson, o grau de endividamento em dólar de pessoas e empresas é alto o suficiente para tornar o efeito de uma desvalorização preocupante para o sistema financeiro. (D.N.)